

POR UMA SOCIOLOGIA DA FOME: UM ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO

Ana Fernanda Inocente OLIVEIRA¹

RESUMO: Este artigo objetiva revelar a presença de uma sociologia da fome aliada às análises da sociologia do trabalho no pensamento do intelectual brasileiro Josué de Castro, bem como tenta situá-lo no debate contemporâneo - a respeito de seu tema central - que figura entre os aportes teóricos e ideológicos concorrentes no contexto atual do capitalismo. Importa, para tanto, demonstrar aqui as contribuições do autor para os estudos das relações do trabalho e da condição de vida dos trabalhadores (neste caso específico, dos mangues do Recife) a partir da temática da fome. Encorajado e impelido pela sua própria condição de existência, o autor firmou um compromisso teórico e político com a temática da fome, digno de ser resgatado e pensado pela Sociologia do Trabalho, e também considerado nas políticas públicas da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fome. Sociologia. Trabalho. Trabalhador. Josué de Castro.

Introdução

Em visão retrospectiva, a Sociologia surge enquanto ciência, de um modo geral, como uma tentativa de compreender o movimento da sociedade e as transformações e mudanças provocadas por este movimento. Em outras palavras, compreender o processo de transição de uma sociedade dada como tradicional submetida a uma visão religiosa, e por isso dominada e limitada por ela, para uma sociedade moderna, figurou entre as prioridades desta, então, incipiente ciência.

A transição de uma sociedade não emancipada, e por isso orientada por um único valor, para uma sociedade de espaço urbano, onde passam a coexistir novas e variadas formas de vida, de subjetividades, de valores diferentes. Uma sociedade moderna que, ao avançar técnica e cientificamente, se emancipa, se reconhece enquanto condutora de seu próprio destino; descobre outros mundos diferentes do seu, com valores diferentes, novas culturas e, portanto, uma pulverização de cosmos. Isso faz com que esta sociedade que era conduzida por

¹ Doutora em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901. Realizou um estágio doutoral - modalidade doutorado sanduiche - na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, em Paris/França, sob orientação do historiador Prof. Dr. François Hartog - anafernanda_oliveira@yahoo.com.br

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

um único valor - ao voltar - volte diferente, com novas inquietudes e ambições que, por sua vez, provocam transformação e mudança no interior de si.

Estas mudanças e transformações - que se dão em todos os campos da sociedade: político, econômico, cultural, etc - sugerem a necessidade de uma compreensão ampla do curso da sociedade, para se saber o caminho para o qual agora se envereda e descobrir o destino para onde está sendo ela conduzida.

É por conta desta necessidade de compreender os complexos processos da modernidade que a Sociologia se institui enquanto ciência, se constituindo a princípio com semelhante método de análise das ciências naturais até, posteriormente, ganhar autonomia, com objetos e métodos distintos delas, identificando seu objeto como de ordem social importando, para tanto, que este seja tratado como tal.

Estas mudanças que reorganizam toda uma ordem social dantes pautada numa sociedade aristocrática de modo de produção escravagista e regida moralmente pela Igreja, remontam agora a história da classe operária. Segundo Engels (2008), inicia-se na segunda metade do século XVIII a história da classe operária com o surgimento, na Inglaterra, das máquinas a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão, ou seja, com a revolução industrial.

A saída do trabalho manufaturado de casa para a fábrica² resultou uma transformação social que não só significou o trabalho assalariado; significou o nascimento de uma nova ordem aliado ao nascimento de uma nova classe social: a classe operária.

Esta transição implica o nascimento de uma sociedade agora científica, em detrimento de uma sociedade outrora teológica, o que por sua vez resulta na substituição dos sacerdotes e teólogos pelos cientistas. E, segundo Aron (2008), assim como os cientistas substituem os sacerdotes, também os industriais substituem os militares e,

A partir do momento em que os homens pensam cientificamente, a atividade principal das coletividades deixa de ser a guerra de homens contra homens, para se transformar na luta dos homens contra a natureza, ou na exploração racional dos recursos naturais. (ARON, 2008, p.85).

² Segundo Engels (2008), antes da introdução das máquinas, a fiação e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. As famílias tecelãs viviam em campos vizinhos às cidade e compunham um mercado que ainda era interno, e ainda sem a presença do poder esmagador da concorrência, dos baixos salários e das condições precárias de trabalho.

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

Neste sentido, este trabalho pretende-se vetor de um importante tema e autor outrora negligenciados e atualmente fadados ao esquecimento nas universidades – espaços públicos, por excelência, do debate.

Portadores de uma intransigência moral, Josué de Castro e a sua *Geopolítica da Fome* (1961) constrangeram muitos intelectuais e leitores da época ao abordarem um tema de ordem primária que, até aquele momento (e até os dias atuais), não pode ser sanado pela racionalidade humana, comprovando assim a insuficiência e falibilidade da razão no tratamento de questões relativas à condição de animalidade do homem. O tema da fome, em Josué de Castro, faz-se revelador não só do fenômeno coletivo da fome, mas também do próprio tabu ao se tratar desta questão.

Segundo o autor:

Vários fatores determinaram essa conspiração do silêncio em torno do fenômeno da fome. O primeiro obedece a um princípio de ordem moral. Sendo o fenômeno da fome (tanto a fome de alimentos como a fome sexual) fundamentalmente um instinto primário, apresentava-se ele como algo de chocante para uma cultura racionalista como a nossa, que procurava por todos os meios impor o predomínio da razão sobre os instintos, na conduta humana. Considerando o instinto como o animal e só a razão como o social, a nossa civilização vem tentando, embora sem resultado, negar sistematicamente o poder criador dos instintos, tratando-os como forças desprezíveis. (CASTRO, 1961, p.48).

O primeiro percalço enfrentado por Josué de Castro não foram as questões políticas, tampouco as relativas ao espaço geográfico, mas a inconveniência moral do tema que veio a tratar. Era o **tabu da fome** o cartão de visita deste novo campo a ser desbravado pelo autor.

No entanto, encorajado e impelido pela sua própria condição de existência, o autor firma um compromisso com a temática da fome, com a finalidade de sanar um problema que compreendia ser não apenas “**privilégio**” da área onde vivia (CASTRO, 2001, p.20), mas um fenômeno universal.

O trabalho de Josué de Castro faz mais que enfrentar um tabu; mas também faz para além de revelar a universalidade da sua própria história. O seu trabalho faz-se, sobretudo, revelador de um sentido para a própria Sociologia. Um sentido que parece ter sido solapado ou, quem sabe, substituído. A atualidade do pensamento de Castro está em recuperar, na Sociologia, paradigmas e estudos sobre os fenômenos sociais provocados pelo próprio homem

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

– decorrentes de suas relações sociais e de sua ação sobre o meio – e que imperam sobre ele flagelos.

Traz-nos hoje, o pensamento de Castro, a reflexão sobre a importância de resgatar na Sociologia a compreensão de tudo aquilo que aflige o homem – ou também o que o faz progredir – sob a finalidade de atenuar (ou, em caso positivo, instigar) os impactos que tais fenômenos podem ter sobre a vida em sociedade. Ensina-nos Josué de Castro que a Sociologia tem uma função social importante enquanto ciência: a de trazer despididamente à luz os subterrâneos da vida em sociedade. E para isso, necessitamos antes de tudo admitir que a miséria – nas suas variadas formas – é o nosso legado, e que a sua superação é a nossa mais imediata necessidade.

Sociólogo da Fome no Brasil: um estudo sobre o pensamento de Josué de Castro

Acreditamos que já é tempo de precisar bem o nosso conceito de fome – conceito demasiado extenso e, portanto, suscetível de confusões. Não constitui objeto deste ensaio o estudo da fome individualmente, seja em seu mecanismo fisiológico, já hoje bem conhecido graças aos magistrais trabalhos de Schiff, Lucciani, Turró, Cannon, Keys e outros fisiólogos; seja em seu aspecto subjetivo de sensação interna, aspecto esse que tem servido de material psicológico para as magníficas criações dos chamados romancistas da fome. O nosso objetivo é analisar o fenômeno da fome coletiva – da fome que atinge endêmica e epidemicamente grandes massas humanas [...] da chamada fome oculta, na qual, pela falta de determinados princípios nutritivos indispensáveis à vida, grupos inteiros de população se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias. (CASTRO, 1961, p.76-77).

A expressão mais imediata da miséria da classe trabalhadora é a fome. A ela destinou maior atenção o escritor brasileiro Josué de Castro, ao observar a relação de dependência dos migrantes nordestinos com os mangues e seus habitantes. Muito embora notasse a estreita relação dos moradores de Recife com os mangues, e a fome que os flagelava, pode observar que esta não era restrita aos seus conterrâneos, mas que se fazia sentir entre os nordestinos de forma geral.

Pensei, a princípio, que a fome era um triste privilégio desta área onde eu vivia – a área dos mangues. Depois verifiquei que, no cenário da fome do Nordeste, os mangues eram uma verdadeira terra de promessa que atraía

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

homens de outras áreas de mais fome ainda. Da área das secas e da área da monocultura da cana-de-açúcar, onde a indústria açucareira esmagava, com a mesma indiferença, a cana e o homem: reduzindo tudo a bagaço. (CASTRO, 2001, p.20)

Em outras vozes, também atentas ao problema da fome e da condição da classe trabalhadora no Brasil, sobretudo na região do nordeste, figura o nome de João Cabral de Melo Neto. Em sua obra “*Morte e Vida Severina*”, que aparece em meados da década de 50 do século XX, o autor ratifica a percepção de Castro (2001) sobre o mangue ser considerado terra de promessa e desenha o curso sofrido da vida dos nordestinos que vivem a migrar, a se retirar, a caminhar talvez menos em busca de algo mais, e sim em fuga do algo menos, porque sabem que a morte precoce lhes está para tragar nas áridas terras do sertão.

E se somos Severinos, iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). (MELO NETO, 1994, p.162).

E, ainda:

Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra. (MELO NETO, 1994, p.172).

Tal qual João Cabral de Melo Neto, Josué de Castro identificou nos mangues uma representação diminuta da condição de vida dos trabalhadores, uma vez que “[...] aqueles personagens da lama do Recife eram idênticos aos personagens de inúmeras outras áreas do mundo assoladas pela fome.” (CASTRO, 2001, p.21).

A condição de vida dos trabalhadores de Recife, mais precisamente o fenômeno da fome nos mangues, conquista centralidade nos estudos de Josué de Castro. Segundo Macedo (2005), Castro foi um intelectual que partiu da sua própria condição de existência, da realidade social na qual estava de alguma forma circunscrito, e do seu contato com os trabalhadores dos mangues do Capibaribe para pensar a questão deste flagelo que é a fome e que se faz presente em todo o mundo.

Para Castro (1967), a fome coletiva é um fenômeno social e geograficamente universal, não havendo continente que dela possa escapar, e é sua erradicação responsabilidade política. Segundo Macedo (2005), desde o Brasil colônia a fome constituía a

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

realidade nacional, mas era ignorada pelo Estado, ganhando notoriedade somente a partir da revolução de 1930.

Para Castro (1965, p.122),

A verdade é que nenhum fator do meio ambiente atua sobre o homem de maneira tão despótica, tão marcante, como o fator da alimentação. [...] Quando se evidenciam [...] as alterações que as carências alimentares são capazes de produzir [...] compreende-se o extraordinário papel que deve ter desempenhado a alimentação na estruturação e na evolução biológica dos diferentes grupos raciais, com suas características.

Fica evidente com isso que Josué de Castro trata a fome não como um fato isolado, oriundo apenas de determinações fisiológicas, antes a explica enquanto fenômeno. Para o autor, a fome ocasionada pelo homem - não objeto das ciências naturais, mas das ciências sociais – faz-se condição habitual em diversas regiões de toda a Terra. E é a fome um dos principais elos entre o ser humano e o próprio meio ambiente, constituindo-se fator decisivo para a formação dos vários grupos. Um dispositivo constitutivo, por exemplo, da história dos moradores de Recife.

Ao enfrentar o tabu da fome, Castro também aponta para razões ainda mais fortes que constituem fator fundamental para o entendimento da não superação do problema da fome: as questões de ordem econômica.

Segundo o autor, para que a economia continuasse a se processar indefinida e exclusivamente como fenômeno apenas econômico regido pelos interesses de uma minoria, era necessário que ela (a economia) fosse negligenciada enquanto interesse social e coletivo. Segundo Castro (1961, p.51),

Foram fatores de natureza econômica especial que esconderam aos olhos do mundo feias tragédias como a da China, onde, durante o século XIX, cerca de 100 milhões de indivíduos morreram de fome, por falta de um punhado de arroz, ou como a da Índia, na qual 20 milhões de vidas humanas foram destruídas por este mesmo flagelo nos últimos 30 anos do século passado.

E ainda foi a fome - a mesma fome que flagelava a sociedade moderna - tema afastado do pensamento ocidental, continuando “[...] a ser olhada como uma sensação, cujas repercussões não deveriam ir além dos domínios do subconsciente, uma vez que a consciência lhe fechava as portas com ostensivo desprezo.” (CASTRO, 1961, p.47).

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

Bem como o pensamento ocidental do século XX, também seu patrimônio cultural, em sua forma literária, pôs-se a ignorar a desumanizadora fome que assolava as massas. Segundo Castro (1961), poucos foram os escritores que ousaram aludir, em suas obras, a este fenômeno tão transgressor da moralidade da época.

Para Castro (1961, p.51):

A própria ciência e a própria técnica ocidentais, certamente envaidecidas com suas brilhantes conquistas no domínio das forças da natureza, não se sentiam à vontade para confessar abertamente o seu quase absoluto fracasso em melhorar as condições de vida dessas massas esfomeadas e, com seu reticente silêncio sobre o assunto, faziam-se, consciente ou inconscientemente, cúmplices dessa mesma conspiração mental.

Dentre os poucos literatas que se encorajaram a trazer para o interior de suas obras, poemas e poesias, a condição precária de vida dos trabalhadores, em especial os fenômenos da fome, e sob uma visão social altamente crítica, esteve, como já dito anteriormente, João Cabral de Melo Neto. Este foi também um romancista que, ao escrever *Morte e Vida Severina*, denunciou a drástica condição de vida dos nordestinos especialmente no que diz respeito à região do Sertão.

Mas, não só Castro, não só Melo de Neto, unem-se ao grupo dos poucos que viram na fome um fenômeno social de drásticas implicações. Também o pintor Cândido Portinari, que volta da França ainda mais decidido a expressar a vida do seu povo em suas pinturas. Especialmente após à Segunda Guerra Mundial, com a revelação da potência devastadora do nazismo, Portinari passa a retratar em seus trabalhos a catastrófica calamidade do fenômeno da fome que atinge de maneira drástica a vida do retirante. É neste momento, de 1944-46 que ele produz a série “Retirantes” e “Meninos de Brodósqui”. Portinari, bem como Castro, neste momento, não só imputam sobre suas obras um caráter social, mas passam a engajar-se politicamente no trabalho de combate à fome, filiando-se ao Partido Comunista Brasileiro.

Figura entre as obras de Castro a compreensão da experiência de dois momentos distintos numa mesma geração: a era do homem econômico, ou *homo economicus*, e o homem social. O deslocamento, segundo Castro (1961), de interesses nestes dois mundos provocou um violento contraste. Segundo o autor,

Até a primeira guerra mundial, a nossa civilização ocidental, em seu exagero de economismo, preocupada exclusivamente em dominar pela técnica todas

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

as forças da natureza e concentrando todo seu interesse nos problemas da exploração econômica e da criação de riquezas, deixara quase em completo esquecimento o homem e seus problemas. Já no nosso mundo pós-guerra, o que vemos por toda parte – tanto no setor ocidental, capitalista, como no oriental, socialista – é a focalização intensa do homem biológico como entidade social concreta, uma espécie de prioridade dos problemas humanos sobre os problemas econômicos puros. Não quer isso dizer que, nesta nova era do *homem social*, a economia seja relegada a um plano secundário; é que esta é agora orientada como um fator para a obtenção do bem-estar humano. [...] A economia atual não é apenas uma arte de estabelecer empresas lucrativas, mas uma ciência capaz de ensinar os métodos de promover uma melhor distribuição do bem-estar coletivo. (CASTRO, 1961, p.54-55, grifo nosso).

No entanto, esse deslocamento de interesses se deu, não por força do acaso, mas à força dos resultados inexoráveis do pós 2ª Guerra Mundial. Somente a partir de 1945 é que o mundo começa a tomar conhecimento e interesse pelos resultados catastróficos dos campos de concentração. As tropas aliadas ao se defrontarem com a realidade da guerra colocam em caráter de urgência o tratamento da fome dos sobreviventes do holocausto (CASTRO, 1961). A partir deste cenário é que passa a figurar o tema da fome, no entanto, apenas neste contexto e por ocasião da guerra.

A atenção dos serviços médicos das tropas aliadas juntamente com os técnicos da Cruz Vermelha se volta para os casos de inanição dos sobreviventes do campo de Bergen Belsen, após a libertação deste.

Segundo Castro (1961, p.52-53, grifo nosso):

A verdade é que foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa, na qual pereceram dezessete milhões de criaturas, *sendo doze milhões de fome* – para que a civilização ocidental se convencesse de que não era mais possível ocultar a realidade social da fome aos olhos do mundo [...] Aos cientistas foi finalmente permitido estudar objetivamente o assunto. Os Estados foram aconselhados a publicar dados estatísticos mostrando a verdadeira situação de vida de suas populações e a divulgação de relatórios ou de ensaios acerca do tema proibido foi mesmo estimulada.

Castro acreditava que esta “nova era” – a era social – seria promissora no sentido de agora se ter o dinheiro a serviço do homem e não mais o contrário. Acreditava que os resultados do pós-guerra, e toda essa crise histórica seriam o motor de uma revolução social mundial, em que o denominador comum entre as democracias ocidentais e o comunismo oriental era o interesse pelo homem e a re-humanização da cultura.

O progressivo interesse do homem pelo próprio homem e a sôfrega busca do bem-estar coletivo marcam o ponto para onde deverão convergir os sistemas econômicos, a fim de obter, através de uma progressiva aproximação, a vitória definitiva sobre os antagonismos que marcam esta crítica circunstância atual da convivência do homem com o próprio homem. (CASTRO, 1961, p.55).

Para Castro (1961), começava a figurar uma efetiva mudança de caráter universal, a respeito do tema da fome, no cenário de reconstrução do mundo pós-guerra com a realização da Conferência de Alimentação de Hot Springs, em 1943.

Por um método geopolítico no estudo da situação da classe trabalhadora do Recife

Castro, ao entender a fome enquanto fenômeno social, que ultrapassa os limites geográficos, ou seja, como fator que impele o trabalhador a avançar geograficamente em busca de novas condições de vida que superem o presente fenômeno coletivo da fome, faz também constituir um método significativo de análise sociológica.

De acordo com sua obra, Castro (1965), embora motivado pelo mesmo tema tratado por Malthus, a saber, a fome, em nada o desenvolvimento de seu trabalho se aproxima da insuficiente teoria malthusiana e neomalthusiana, seja por questões metodológicas, ou ainda por suas hipóteses e conclusões. Para Castro, o contingente de habitantes de uma dada região não constitui a causa do problema da fome e tampouco está nele a solução para tal problema.

O trabalho de Castro que inicialmente pretendia-se uma análise regional brasileira do problema da fome, ganha amplitude ao analisar “[...] as múltiplas manifestações da fome no mundo, com suas implicações e repercussões políticas.” (CASTRO, 1961, p.26) passando de uma análise geográfica para uma análise geopolítica da fome, relacionando-a agora com as contingências políticas.

O título dado a este seu trabalho tinha por finalidade articular e estabelecer relações entre os fenômenos geográficos e os de categoria política, com vistas a demonstrar que a política não tem sentido se desvinculada das questões geográficas, ou seja, do meio natural, cultural, enfim, da realidade material.

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

O tema da fome em Castro se constitui um método de interpretação da dinâmica dos fenômenos políticos em sua realidade espacial, bem ao contrário do uso da Geopolítica para justificar as aspirações expansionistas do Terceiro Reich (1961). Para Castro (1961, p.27):

Poucos fenômenos têm interferido tão intensamente na conduta política dos povos, como o fenômeno alimentar, como a trágica necessidade de comer; daí, a viva e crua realidade de uma Geopolítica da Fome.

Na tentativa de compreender a fome enquanto fenômeno coletivo social e universal (como já explicado acima), Castro depara-se com duas teorias que amparam uma postura ideológica e política contrária a sua. Trata-se, segundo o autor, de um falseamento da realidade via naturalização de fenômenos sociais e do malthusianismo. De um lado, respectivamente, a forte expressão positivista de que a fome coletiva é um fenômeno natural e, mais além, irremediável; de outro, a questão da fome fadada a uma única solução, a saber, o controle forçado da natalidade, entendendo ser esta a geradora do problema.

Para os evolucionistas, é a fome provocada por fatores naturais, ou seja, é um fenômeno natural que obedece a uma espécie de lei da natureza, tendo a ver unicamente com a escassez ou abundância de alimento sobre a Terra. No entanto, o problema da fome coletiva e mundial não deve se resumir, segundo o autor, a um problema de limitação da produção por coerção das forças naturais. É, antes, um problema de distribuição. Para Castro (1961, p.63):

A fome e a guerra não obedecem a qualquer lei natural. São, na realidade, criações humanas [...] os antropologistas já apresentaram abundante documentação provando que, entre os achados paleontológicos dos grupos humanos mais primitivos, não se encontram instrumentos nem sinais da existência da guerra organizada; tampouco se evidenciam, nos esqueletos fossilizados desses grupos primitivos, sinais de carências alimentares. Já nos grupos mais adiantados, os esqueletos trazem, gravadas, as marcas de várias carências alimentares – sinais biológicos da fome. Conclui-se daí que a fome e a guerra só surgiram depois que o homem alcançou um grau de cultura em que começou a acumular reservas e a estabelecer fronteiras defensivas de suas riquezas acumuladas, isto é, quando começaram as dificuldades criadas pelo homem quanto à distribuição das riquezas produzidas.

No que diz respeito ao (neo) malthusianismo, seus teóricos e ideólogos também atribuem à natureza certa responsabilidade com respeito ao problema da fome. Seria a reprodução humana, em sua forma indiscriminada, a responsável pela superpopulação da Terra e, conseqüentemente, pelo assolador flagelo da fome.

Inserido no contexto das primeiras experiências industriais do final do século XVIII, na Inglaterra, Malthus – economista inglês – engendrou a tese de que o aumento das populações do mundo constituiria perigo ao equilíbrio econômico, uma vez que as populações crescem em progressão geométrica e a produção de alimentos em progressão aritmética, o que resultaria uma produção insuficiente para suprir as necessidades das populações. No entanto, sua tese sobre o crescimento da população enquanto fenômeno isolado do quadro das realidades sociais foi facilmente refutada por Marx e outros teóricos como Fourier, Proudhon, Engels, entre outros, bem como pela própria História, uma vez que – muito embora a população parecesse mesmo crescer desde as revoluções industriais – a partir do século XIX, o crescimento populacional diminuiu e a natalidade retardou, chegando a ocasionar, em países como Austrália e Nova Zelândia, um fenômeno oposto ao da superpopulação; o de subpopulação. (CASTRO, 1961, p.65).

Bem ao contrário destes dois aportes teóricos apontados pelo próprio autor, o de Castro enxerga no fenômeno da fome um problema que é ao mesmo tempo motor de uma revolução social que, por sua vez, porá fim a este abismo que ameaça tragar a classe trabalhadora e quiçá toda civilização. É também otimista ao ponto de pensar que, resolvido o problema da fome, também será a desigualdade social dissipada.

A própria fome será o condutor e a mola fundamental de uma revolução social adequada para afastar progressivamente o mundo da beira desse abismo que ameaça devorar a civilização, com avidez bem maior do que os oceanos ameaçam engolir os nossos solos. Somos, pois, otimistas e vemos nas fricções e agitações sociais dos nossos dias sinais de novos tempos, quando será finalmente alcançada a difícil vitória sobre a fome, vitória capital para a estabilidade social dos grupos humanos. (CASTRO, 1961, p.75).

Respalado na afirmativa do filósofo inglês Bertrand Russell - de que aquele era o momento histórico, nunca dantes experienciado, no qual a promoção do pensamento e consciência individuais figurava entre os dispositivos propulsores da mudança social - é que Castro, muito embora reconhecesse as dificuldades travadas na “batalha mundial pelo extermínio da fome” (CASTRO, 1961, p.75), acreditava na divulgação de seu trabalho enquanto instrumento para um trabalho coletivo em favor do que chamou de revalorização fisiológica do homem. Mas também acreditava na sua contribuição para um plano de (re) construção desta civilização. E, para além disto, acreditava no potencial de mudança existente no pensamento e ação de qualquer homem comum (assim como se considerava) rumo a um telos. Afinal, segundo o autor:

Foi esta mesma crença nos destinos da humanidade, nos frutos da revolução social que ora vivemos e na força construtiva da cooperação humana, que nos conduziu à ousada tentativa de estudar o fenômeno da fome, em sua expressão universal, mostrando com que intensidade e em que extensão o fenômeno se manifesta nas diferentes coletividades humanas. (CASTRO, 1961, p.76).

Considerações finais

É marca indelével da sociedade contemporânea a imprevisibilidade. A propósito, e paradoxalmente, se existe uma verdade que não é efêmera e que se faz durável e indestrutível nos dias de hoje é ela a incerteza. Este fenômeno de imprevisibilidade é fruto de uma experiência agora comum a toda humanidade: a contínua experiência da crise. Crise de todas as certezas que outrora permitiam aos homens vislumbrar os seus destinos. Mas esta crise não está presente apenas no interior do plano político e econômico. Ela também não está presente somente na ciência, mas na arte; não só na cultura, mas também no interior de cada indivíduo. Vivemos em tempos de crise generalizada de paradigmas. No entanto, é preciso perceber ainda que onde reside a crise, reside também a disputa. Em outras palavras, os campos em crise em nossa sociedade são também campos em disputa.

A crise da modernidade - vivenciada por Castro e expressa em suas obras - que se institui a partir das guerras significou a ciência e a técnica como elementos em disputa e como meio para se alcançar um fim, no caso, a posse da força, o poder. Em vez da superação das antinomias para um telos comum, a legitimidade e prevalência delas, a presença ainda mais forte dos conflitos e das contradições. O surgimento dos governos totalitários em vários países da Europa: Mussolini na Itália, Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha, Stalin na União Soviética, Hitler na Alemanha, chegando aos países em desenvolvimento, como o Brasil de Getúlio. Mas também significou as crises econômicas, representando a falibilidade da idéia de progresso econômico, especialmente com a crise econômica do pós-guerra. Em resposta a isso, a desilusão, a descrença e a negação não só da idéia de progresso, não só do senso da história, mas em relação a tudo o que a modernidade construiu, projetou e idealizou.

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

Este contexto de guerra e pós-guerras, ao mesmo tempo em que aponta para a falibilidade da idéia de progresso, configura também um novo cenário e dá indicativos de visibilidade a novos atores.

Neste sentido, cabe ressaltar a atualidade não só do pensamento de Castro, como também de novos (ou velhos) suportes teóricos, institucionalizados ou não, que figuram entre os novos paradigmas deste cenário de crise.

A própria Ciências Sociais que outrora compôs o aparato teórico que buscava compreensão da nova ordem social que se estabelecia na transição de uma sociedade tradicional para a sociedade moderna, também agora compõe-se reflexo de uma ordem social fragmentada e atomizada que parece transitar não para a unidade, universalidade e totalidade, mas cada vez mais para um irreconciliável telos.

Segundo Aróstegui (2006), a crise nas ciências sociais inscreve-se, por sua vez, nas novas condições históricas produzidas com as primeiras rupturas do mundo pós-guerra, no contexto de um progressivo esgotamento e descrédito de alguns “dogmas” intelectuais inquestionáveis até então, e da busca de novos fundamentos. De acordo com o autor, tudo isso supôs o afastamento da pesquisa social de seus fundamentos teóricos anteriores e sua aproximação a uma sensibilidade que valorizava, sobretudo, o sujeito e a ação social.

As contribuições teóricas de Castro, neste cenário, constituem-se determinantes não só para uma maior compreensão dos impactos da crise da modernidade no Brasil. Também não só para pensar e problematizar as mudanças paradigmáticas da própria Sociologia enquanto ciência. Mas, sobretudo, para entender a temática da fome, outrora abordada por Castro, que configura atualmente o cenário das políticas sociais sob sua forma institucionalizada. Políticas de erradicação da fome, sob a forma de programas como o “Fome Zero” e o “Bolsa Família”, são expressão da institucionalização da fome.

Desde 1992 a fome vem ganhando expressão e visibilidade política através de iniciativas como a “Política Nacional de Segurança Alimentar”, “Ação da Cidadania contra a Fome”, bem como a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) que, segundo Macedo (2005), passou a coordenar a maioria das iniciativas existentes para o combate à fome. Entre estas iniciativas estão o Plano de Combate à Fome e à Miséria, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos e o Programa de Alimentação do Trabalhador. No entanto, o CONSEA foi extinto no governo Fernando Henrique Cardoso e substituído por um órgão denominado Conselho

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

Comunidade Solidária, o que leva a crer que a responsabilidade sobre a miséria do trabalhador é transferida do Estado para a própria comunidade (MACEDO, 2005).

Muito embora a institucionalização da fome tenha suas origens efetivas desde o começo do século XX, nota-se atualmente a intensificação deste processo e do debate sobre ele em especial no governo Lula, período em que os programas Fome Zero e o Bolsa Família foram instituídos.

Segundo Macedo (2005, p.17):

Desde 2002, quando o então candidato à presidência Luiz Inácio escolheu como carro chefe de sua campanha o Programa Fome Zero, a questão da fome ganhou novo destaque nas discussões públicas do país e, em certa medida, do mundo. Já em seu primeiro mandato, o referido presidente deu continuidade ao processo de combate à fome por meio de instituições governamentais aliadas às não governamentais.

Segundo o autor, o Programa Fome Zero defende três frentes de ação. A primeira delas – as políticas emergenciais – consiste na criação de estoques alimentares de segurança e na distribuição de cupons e cestas básicas em caráter emergencial. A segunda - as políticas complementares – consiste no aperfeiçoamento do PAT (Programa de Alimentação do Trabalhador), ampliação da reforma agrária, expansão da Previdência Social não contributiva, melhora da merenda escolar, etc. Quanto a esta última, é ela projeto elaborado e implementado por Josué de Castro. Por fim, a terceira frente de ação, a saber, a das políticas locais, consiste em ações municipais de segurança alimentar na forma de restaurantes populares, bancos de alimentos, atendimento aos moradores de rua, incentivo em produção para autoconsumo e agricultura urbana e familiar, entre outros (MACEDO, 2005).

Considerando a visibilidade que conquistou Castro, em tempos de miséria, por suas obras; e também sua atuação nos campos político e social criando dezenas de instituições que se dedicaram ao estudo e, principalmente, combate da fome (que perduram até hoje), é possível compreender a necessidade de revisitá-lo para um melhor balanço da condição de vida dos trabalhadores brasileiros hoje.

Há atualidade no pensamento de Castro também no que diz respeito ao método geográfico, pois ainda hoje é a fome fator determinante que impele o indivíduo a sair de seus limites geográficos e avançar para outros.

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

No entanto, talvez resida no pensamento de Castro um ingênuo otimismo no que diz respeito a sua crença na dissolução da desigualdade social via resolução do problema da fome. O problema da fome é só mais um indicativo da desigualdade social. Esta é promovida pelos complexos processos do capitalismo que é, por sua vez, gerador de variadas formas de desigualdade pautadas no princípio da propriedade privada e, por consequência, da privação/alienação seja dos bens materiais, mas também dos culturais, políticos, etc.

Talvez o problema maior do pensamento de Castro seja projetar na fome a única forma de desigualdade social, uma vez que estão à ela associadas outras questões, na sua época e nos dias de hoje, merecedoras de centralidade nos estudos sociológicos, e afins, como por exemplo, a distribuição de terra, e os problemas de moradia enfrentados pelos **sem-teto**. Pensar a fome como motor de uma revolução social, também não leva a crer que será diluída a luta de classes, pautada na conservação da propriedade privada, que por sua vez, conta com o apoio de aparatos ideológico e também repressor de que faz uso o capital.

Para que o homem se emancipe, a solução que o autor aponta é a erradicação da fome, que será, por consequência o fim da desigualdade social. Discordando do fato de a erradicação da fome ser a única via para a diluição da desigualdade social, o pensamento de Castro demonstra, para sua época, genialidade e sensibilidade não somente ao problematizar o tema, mas também enxergar nele uma via, um caminho a ser percorrido para a extinção de certos privilégios de classe (1961), visando o alcance de um processo emancipatório. Como bom marxista que era, Castro entende ser a revolução a antítese inevitável da condição de desigualdade social e o caminho a um telos comum.

Suas contribuições sobre a temática da fome se fazem reveladoras da existente universalidade deste fenômeno coletivo e, ao mesmo tempo, da insuficiência política no tratamento desta questão. Encorajado e impelido pela sua própria condição de existência, o autor firmou um compromisso teórico e político com a temática da fome, digno de ser resgatado e confirmado nos dias atuais.

POUR UNE SOCIOLOGIE DE LA FAIM: ÉTUDES SUR LES CONTRIBUTIONS DE LA PENSÉE DE JOSUÉ DE CASTRO

RESUME: *Cet article a pour objectif révéler la présence d'une sociologie de la faim liée aux analyses de la sociologie du travail dans la pensée de l'intellectuel brésilien Josué de Castro, aussi bien que le situer dans le débat contemporaine – par rapport son thème central – compris entre les apports théoriques du contexte actuel du capitalisme. Ce qu'intéresse à cet*

Por uma Sociologia da Fome: um estudo sobre as contribuições do pensamento de Josué de Castro

article est démontrer ses contributions aux études des rapports du travail et de la condition de vie des travailleurs (dans ce cas spécifique, les travailleurs de la mangrove de Recife) à partir de la thématique de la faim. Encouragé et motivé de sa propre condition d'existence, l'auteur signe un engagement théorique et politique avec la thématique de la faim, méritant d'être récupéré et pensé pour la Sociologie du Travail et, aussi, considéré dans les politiques publiques de la contemporanéité.

MOTS-CLES: Faim. Sociologie. Travail. Travailleur. Josué de Castro.

REFERÊNCIAS

- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- AROSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006.
- CASTRO, J. A. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. **Geografia da fome**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- _____. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. **Geopolítica da fome: ensaios sobre os problemas da alimentação e de população do mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Estudante do Brasil, 1961.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MACEDO, R. F. **O fenômeno da fome no Brasil: estudo sobre a geografia da fome de Josué de Castro**. 2005. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2005.
- MELO NETO, J. C. de. **Obra Completa**. Edição organizada por Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.